

Dívidas externas: proposta inovadora da França

A reunião de cúpula dos sete maiores países industrializados (Estados Unidos, Japão, República Federal da Alemanha, França, Itália, Grã-Bretanha e Canadá), a realizar-se na próxima semana em Toronto, no Canadá, deverá ter um sentido mais profundo que as demais. Isso não apenas por causa das repercussões do recente encontro, em Moscou, do presidente Ronald Reagan com o líder soviético Mikhail Gorbachev. Os participantes da reunião de cúpula das sete maiores potências econômicas do Ocidente vão ser obrigados, pela primeira vez, a dar séria atenção aos problemas dos países subdesenvolvidos altamente endividados.

Recorda-se que, nas últimas reuniões de cúpula, tem-se feito menção a esses problemas, principalmente por insistência do presidente francês François Mitterrand. Mas não se tratou nunca de qualquer ação concreta, tudo ficando no terreno das intenções e da boa vontade.

Agora é diferente. Como foi noticiado nesta semana, Mitterrand leva a Toronto uma proposta definida de ajuda aos países mais

pobres, cujo conteúdo antecipou, em carta, aos seus parceiros de cúpula. O plano do presidente francês, basicamente, centra-se em três opções: (1) cancelamento imediato de um terço da dívida pública das nações menos desenvolvidas, como parte de um acordo de reescalonamento da parte restante por um período de dez anos; (2) reescalonamento da dívida, a juros de mercado, pelo prazo de 25 anos, em comparação com o prazo máximo hoje vigente de vinte anos; e (3) reescalonamento a juros preferenciais, reduzidos à metade, pelo menos, com prazo de quinze anos.

Tais propostas serão colocadas na mesa em Toronto e o presidente Mitterrand encontra-se em uma posição moralmente de força para defendê-las. Reeito presidente da República Francesa, recebendo no segundo turno do pleito, no último dia 8 de maio, 54% do total dos votos, Mitterrand iniciou um novo mandato de sete anos sem ter de partilhar o poder com um primeiro-ministro de uma corrente política contrária, como era o neogaullista Jacques Chirac. Embora a Assembléia Nacional

ainda seja dominada, por uma apertada maioria, pelos grupos de centro-direita, a vitória de Mitterrand nas urnas deu-lhe condições de nomear para o cargo de primeiro-ministro Michel Rocard, ex-ministro da Agricultura e um socialista moderado.

Não se pode ainda esquecer que a ajuda dos industrializados aos países mais pobres foi um tema de campanha do presidente francês, convencido de que o alargamento do fosso entre os países ricos e pobres é uma das principais ameaças à estabilidade mundial. E ele sempre colocou o papel da França como central no processo de aumento da ajuda ao Terceiro Mundo, mencionando especificamente a hipótese de cancelamento de dívidas.

A iniciativa de Mitterrand deverá ganhar tanto mais oportunidade porque se prevê que o governo japonês, através do primeiro-ministro Noboru Takeshita, apresentará, em Toronto, um plano de ajuda externa para os próximos cinco anos, cujos detalhes não foram ainda revelados.

Para o Brasil, as duas propostas têm um claro interesse. Pare-

ce lógico que o primeiro item do programa de Mitterrand deverá aplicar-se aos países com renda "per capita" inferior a US\$ 500, geralmente classificados no "Quarto Mundo". Mas a possibilidade de reescalonar os juros, aos níveis de mercado, pelo prazo de 25 anos, se endossada pelos países industrializados, certamente terá influência nas negociações, em curso, do Brasil com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e com os bancos credores. Igualmente, a possibilidade de redução das taxas de juro para as dívidas contraídas — ao menos as de governo para governo — pode representar uma nova abertura no Clube de Paris.

Quanto à proposta nipônica, pode-se dizer, apesar de não serem conhecidos os pormenores, que o Brasil é candidato a financiamentos por parte do governo de Tóquio, previstos há alguns meses e condicionados a um acordo do país recipiente com o FMI. Como o País está às vésperas de concluir um acordo com aquela instituição, será removido o principal obstáculo para que tais empréstimos possam, finalmente, fluir.